



A ABERTURA POLÍTICA DO FUTEBOL BRASILEIRO

PATRÍCIA VOLK SCHATZ*

Resumo: O futebol é uma prática que acompanha diferentes processos históricos no Brasil. O período da ditadura civil militar brasileira foi marcado por intervenções políticas em diferentes áreas de interesse como, por exemplo, a dos esportes. Após a demissão de João Saldanha em 1970, técnico da Seleção nacional, observa-se a inclusão de membros ligados ao Exército no comando das atividades do selecionado. Com o anúncio da abertura política realizado pelo presidente da República Ernesto Geisel é possível observar que o esporte permaneceu estrategicamente sobre atenção dos militares. Assim, esse artigo visa discutir o processo de abertura política do futebol brasileiro que culminou na criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 1979. A análise é construída através da revista esportiva Placar que contribuiu, com suas reportagens e críticas à gestão esportiva, para a legitimação das mudanças no comando das atividades futebolísticas.

1. Introdução

O futebol é um elemento importante da cultura brasileira que conheceu diferentes vias de introdução no país e passou por um processo de popularização ao longo das primeiras décadas do século XX.

A capacidade do futebol de mobilizar multidões o aproximou de interesses políticos que visavam o seu uso estratégico. Durante o regime civil militar observam-se tentativas de apropriação sobre a popularidade do esporte para propagandas nacionalistas e na promoção dos ideais “revolucionários” de 1964.

O Governo de Emílio Médici marcou o período mais repressivo e popular do regime civil militar. A repercussão positiva do auge do ‘milagre’ econômico, a violência e repressão contra a oposição e a conquista do Tricampeonato mundial de futebol marcaram o terceiro governo do regime. É nesse momento que se observa a montagem de um aparato militar no

*Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

comando das atividades da Seleção nacional após a demissão de João Saldanha, em março de 1970, iniciando uma fase de militarização do esporte mais popular do país. O ano da celebração do futebol brasileiro também foi o cenário para o lançamento da revista esportiva

Placar que durante a sua primeira década de circulação participou dos debates relacionados ao futebol.

Em 1974 o presidente Ernesto Geisel anunciou a abertura política brasileira e o encaminhamento do país para a democracia. No entanto, os militares se propuseram a controlar esse processo de transição e mantiveram a atenção sobre áreas de interesse estratégico, como a dos esportes. Há uma nova fase de introdução de membros de confiança dos militares no selecionado nacional e na administração das atividades esportivas revelando a resistência desse grupo em retirar-se do poder. Ao final da década de 1970 observa-se uma abertura política do futebol brasileiro que culminou na criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) representando a modernização da administração do futebol nacional.

2. *Placar* e Saldanha: as páginas da história do Tricampeonato mundial

A repercussão negativa da derrota do selecionado brasileiro no mundial de 1966 levou João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), a indicar João Saldanha para o cargo de técnico da Seleção Brasileira em 1969. Saldanha era popular por sua atuação como cronista, jornalista esportivo e membro do Partido Comunista (PCB), e obteve uma sucessão de vitórias nos jogos eliminatórios para o mundial de 1970 junto ao selecionado nacional.

Mas, a postura questionadora de Saldanha em relação ao regime civil militar e os desentendimentos polêmicos com o presidente Médici culminaram na demissão do técnico em março de 1970.

Nesse mesmo mês era lançada a revista esportiva *Placar* pela Editora Abril com os objetivos de suprir com a carência de uma mídia especializada em esportes e para realizar a cobertura sobre o mundial do México. O projeto sobre uma revista esportiva acompanhava a Editora Abril desde o momento da sua criação em 1950, como observado na primeira Carta ao Leitor da edição de 20 de março de 1970:

Estamos entrando em campo para jogar ao lado do Brasil. No ano de uma nova Copa do Mundo, aqui está o nosso Placar: marcado pelo carinho de um sonho de quase vinte anos. Há vinte anos, quando era fundada a Editora Abril, nascia também a ideia de Placar. Era 16 de julho de 1950, uma data

que o futebol brasileiro jamais esquecerá. (Carta do Editor Victor Civita, Placar, 20 de março de 1970, p. 38)

A superação da derrota brasileira no mundial de 1950 estava baseada na possibilidade da conquista do tricampeonato inédito de futebol. A revista *Placar* celebrou o sucesso do seu lançamento aproveitando-se do crescimento econômico nacional e dos índices de consumo da classe média. Assim, também torna-se importante considerar o papel dos grupos de comunicação:

(...)negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. (DE LUCA; MARTINS, 2006: 11)

Para a análise do papel da mídia é importante atentar-se para os três narradores sobrepostos na comunicação, propostos por Motta (2013). O autor aponta para o veículo, como a revista *Placar*, para os jornalistas e para as personagens que seriam as vozes que se manifestam nos textos finais através de negociações políticas e simbólicas pelo poder de voz.

A respeito da demissão de Saldanha a revista *Placar* destacou a postura crítica do técnico:

A queda de João Saldanha foi nascendo ao mesmo tempo em que ele se transformava no João-Sem-Medo, no João-Língua-Solta, no João-das-Feras ou no João Quixote. Enquanto deixava de ser apenas o João-Técnico, Saldanha dava motivos fundamentais para que fosse derrubado (Placar, 27 de março de 1970).

Dez anos depois da saída de João Saldanha do comando do selecionado nacional, quando já trabalhava na revista *Placar*, o jornalista explicou a sua demissão com o texto intitulado *Como e porque deixei a Seleção Brasileira*:

O presidente da República da época manifestou desejo de ver Dario na Seleção. Respondi de maneira irreverente, mas com o propósito de evitar demagogia. [...] Então, respondi na televisão, em cadeia nacional o seguinte: “O presidente formou seu ministério e não me consultou. Tenho o direito de formar a Seleção sem consulta-lo”. [...] Os homens do

governo não gostaram e, como todos lembram, estávamos numa época muito dura de ditadura. Além do mais, eu já estava com problemas mesmo antes do negócio do Dario. Foi uma entrevista que dei a um jornalista inglês. Ele me perguntou se havia presos políticos e tortura no Brasil. Eu respondi que sim. Alguns presos tinham sido soltos em troca de um embaixador e declararam isto a todo mundo. E aqui no Brasil todos sabiam das prisões e torturas. (Placar, 11 de janeiro de 1980, p. 24-25)

Observa-se no discurso de Saldanha a exaltação sobre o momento político em que o Brasil disputou o mundial de 1970. O governo Médici foi marcado pela popularidade dos resultados do ‘milagre’ econômico e pela rigidez dos inquéritos, torturas e assassinatos do regime civil militar.

Com a saída de Saldanha da Seleção, e todas as polêmicas que envolveram o caso entre o ex-técnico e o presidente Médici, se observa a introdução de membros do Exército ou de confiança do governo no comando das atividades da Seleção nacional. Assim, como novo técnico do selecionado brasileiro foi escolhido Mário Zagallo, para chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos que mantinha vínculos com o SNI, como responsável pela segurança da Seleção nacional foi escolhido o major Ipiranga Guarany e o trabalho de condicionamento físico dos atletas brasileiros ficou à cargo dos oficiais Cláudio Coutinho e Raul Carlesso, da Escola de Educação Física do Exército.

Dessa forma é possível afirmar que a demissão de João Saldanha abriu precedentes para a militarização das atividades ligadas ao futebol nacional. E também pode-se concluir que a revista *Placar* consolidou-se em 1970 como um importante veículo midiático especializado em esportes que cumpriu com a tarefa de informar sobre o mundial do México e que corou seu sucesso de vendas com o título inédito conquistado pelo Brasil. Essas foram páginas importantes da história do tricampeonato brasileiro de 1970.

3. A abertura política do futebol brasileiro: a criação da Confederação Brasileira de Futebol

Entre 1974 e 1978 a ARENA, partido favorável ao governo, somou duas derrotas eleitorais para o MDB, partido de oposição que se apresentava como a opção possível para os contestadores do regime. Esse quadro político e a crise econômica decorrente do segundo choque internacional do petróleo e do endividamento externo contribuíram para a crise de legitimidade do regime civil militar.

A adoção de uma política de transição para a democracia anunciada em 1974 pelo presidente Ernesto Geisel marcava a tentativa do regime de manter o controle sobre os processos políticos nacionais.

Em 1975 observa-se a reorganização da CBD, pois como destaca Sarmiento (2007) não era aceitável ao governo de Geisel que o futebol não permanecesse sob seu controle. O almirante Heleno de Barros Nunes, presidente da ARENA, foi nomeado também presidente da CBD. Logo, suas ações no comando das atividades ligadas ao futebol eram um reflexo de sua filiação partidária. Outros cargos relacionados à Seleção Brasileira foram assumidos por membros do Exército e de confiança de Heleno Nunes, como o coronel Tinoco Marques que tornou-se chefe de delegação, o tenente Osvaldo Costa Lobo que assumiu o cargo de assessor do selecionado brasileiro e o major Kléber Camerino que tornou-se secretário da delegação brasileira. Já o capitão Cláudio Coutinho e o major Carlos Cavalheiro permaneceram nos cargos de preparadores físicos dos atletas brasileiros.

A revista *Placar* destacou em sua edição de março de 1975 que o presidente Geisel queria o “esporte no rumo certo” e que Heleno Nunes era “motivo de esperanças para os esportistas brasileiros” que reconheciam o poder da autoridade. (*Placar*, 21 de março de 1975, p. 35).

De forma geral Sarmiento (2007) caracteriza a gestão de Heleno Nunes na CBD como extremamente centralizada. As principais ações do almirante Nunes na CBD referiam-se ao campeonato nacional de clubes que assumiu ao longo do seu trabalho o papel de plataforma política. O certame brasileiro somava a cada edição um número maior de clubes como

resultado de acordos partidários ou convites realizados pelo presidente da CBD. Isso prejudicava a qualidade do futebol brasileiro já que o extenuante calendário de partidas exigia investimentos financeiros dos clubes com os itinerários e com os departamentos médicos uma vez que os atletas eram extremamente exigidos pelo alto número de jogos semanais. Entre 1971, ano em que o campeonato brasileiro foi criado, e o ano de 1979 o aumento do número de clubes integrantes da competição foi substancial de forma que no último ano da gestão de Heleno Nunes o certame contou com 94 clubes e 583 jogos disputados.

Mas, entre o fim do governo Geisel e o início do governo Figueiredo observam-se mudanças importantes. O futebol e a política encaminhavam-se para a abertura política. Tornou-se importante desvincular o futebol da imagem dos militares no processo de redemocratização. Também de acordo com Sarmento as mudanças no comando do futebol nacional já antecipavam “as fissuras que se abriam na ditadura” (SARMENTO, 2006: 151). É a partir desse momento que se propõe substituir a CBD pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e, também, indicar o empresário Giulite Coutinho como primeiro presidente da nova instituição.

A revista esportiva *Placar* realizou um papel importante como agente formador de opinião ao tecer fortes críticas ao modelo de gestão de Heleno Nunes e ao apoiar a candidatura de Giulite Coutinho para a CBF. A seção ‘Opinião de Placar’ de 7 de setembro de 1979 com de autoria de Juca Kfourri destacava a visão do impresso sobre a CBD:

Pobre e flagelado futebol brasileiro, navegando sem destino ou proteção, feito barco de refugiados. Sempre à deriva, vive sendo assaltado por piratas que agem à luz do dia. Mais que nunca, estamos num barco sem bússola, sem memória e sem futuro. (Revista Placar, 7 de setembro de 1979, p. 22).

A criação da CBF havia sido anunciada em abril de 1979, porém o processo estendeu-se por todo esse ano. Somente em novembro de 1979 é que a nova instituição é registrada no Diário Oficial da União e a presidência da entidade assumida por Giulite Coutinho. Juca Kfourri em ‘Opinião de Placar’ mostrou entusiasmo com a criação da CBF:

Aleluia! Aleluia! Eis que enfim vivemos uma semana em que, pelo menos, há motivos para ficarmos esperançosos de novos tempos em nosso futebol. Nasceu a CBF e todas as promessas de Giulite Coutinho podem- ser realizadas. (Revista Placar, 30 de novembro de 1979, p. 9).

A CBF representava a possibilidade de modernização do futebol brasileiro com reformulação do campeonato nacional que substituísse antigas fórmulas políticas e arbitrárias. A abertura política do futebol brasileiro representou uma página da história do processo nacional de redemocratização.

4. Conclusão

Esse artigo visou apresentar os principais aspectos da criação da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como um reflexo da abertura política nacional através da revista esportiva *Placar*.

Criada em 1970 a revista *Placar* consolidou-se como um segmento seriado dedicado às práticas esportivas, principalmente o futebol. Ao longo da primeira década de circulação do seriado observa-se a renovação dos editoriais, reportagens, charges e seções com intuito de torná-lo mais atraente ao leitor. *Placar* endossou os discursos que defendiam a criação da CBF como substituta da CBD e também a candidatura de Giulite Coutinho como o primeiro presidente da nova entidade esportiva.

Observou-se que entre a demissão do técnico da Seleção Brasileira João Saldanha em março de 1970 e 1975 há uma militarização do comando das atividades ligadas ao futebol. A presença de majores, capitães e do almirante Heleno Nunes, presidente da ARENA e da CBD, revelam como o futebol permanecia sob atenção da política do regime civil militar. Com o processo de abertura política o futebol também passou por mudanças estruturais que visavam desvincular a imagem dos militares das atividades futebolísticas.

A criação da CBF em 1979, durante o governo Figueiredo, nomeou o civil e empresário Giulite Coutinho como o primeiro presidente da nova entidade. Assim, o futebol adaptava-se à nova realidade nacional incorporando os ideais da democracia anunciados ainda em 1974 e rompendo com as presenças militares no futebol.

Referências

- CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2010.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930-1980**. In: O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- KINZO, Maria D`Alva. **A redemocratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição**. São Paulo: Perspectiva 15(4) 2001.
- KUSHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. **As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política**. Estudos históricos, 1999, pp. 227-250.
- LESSA, Carlos. **A estratégia de desenvolvimento 1974-76**. Sonho e fracasso. Rio de Janeiro, Tese, 1978.
- MACARINI, João Pedro. **Governo Geisel: transição político-econômica? Um ensaio de revisão**. IE/UNICAMP. N. 142, maio, 2008.

- MALAIA, João. **Placar: 1970**. In: O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril**. Campinas: 1997.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- RIBEIRO, S. D. D. ; PIRES, G. L. . **Indústria cultural, esporte e mídia: faces ocultas do poder simbólico..** In: MEZZAROBA, C; ZOBOLI, F.; DANTAS Junior, H.; KUHN, R. (orgs.). (Org.). Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes - Vol. 6. 1ed.São Cristóvão: Ed. UFS, 2013, v. 1, p. 64-93.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- SILVA, Sônia Maria Menezes. **A Operação Midiográfica: a produção de acontecimentos históricos através dos meios de comunicação- A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964**. Tese de Doutorado- Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **A cidade e o jornal: A Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX**. In: **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Organizadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Victor Andrade de Melo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.